

Aceleração e Conhecimento: a teoria na era da velocidade simbólica ¹ A teoria deve ir tão rápido quanto o mundo?

Luiz Claudio Martino ²
Universidade de Brasília

RESUMO: A aceleração da vida social tem sido um tema constante nas pautas de diferentes âmbitos de conhecimento. Do senso comum à filosofia, passando pelas ciências sociais, a questão da acentuação da velocidade dos processos sociais, bem como um aumento do ritmo das mudanças, não tem passado despercebido. O objetivo do presente texto não abrange todos estes âmbitos, mas se restringe à questão de como este fenômeno tem sido percebido e compreendido nas ciências sociais. A proposta é analisar alguns textos significativos da literatura mais recente, centrando-se particularmente na questão como ele afeta o conhecimento teórico.

PALAVRAS-CHAVE: aceleração, teoria dos meios de comunicação, epistemologia da comunicação.

Uma questão que nos introduz diretamente na matéria pode ser expressa assim: A teoria deve ir tão rápido quanto o mundo?

Para Gane, “com o advento das tecnologias de comunicação digital, muitos aspectos da vida cotidiana estão se acelerando, enquanto a teoria, em sua maior parte, continua a ser um assunto lento e paciente (GANE, p. 21). A própria formulação sugere que a teoria estaria atrasada, defasada com a realidade. Outras sugestões implícitas são que isso não aconteceria antes, que o fator decisivo teria sido as tecnologias de comunicação digital e que agora isso passa a ser um problema: a teoria não daria conta da realidade social.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, email: luizcmartino@gmail.com

Não obstante estarem em flagrante contradição – com os historiadores, que definem a Modernidade como a Era das revoluções e transformações contantes (por exemplo: Hobsbawm, 2015) e com o fato de os conceitos de velocidade/aceleração serem anteriores ao advento das tecnologias de comunicação digital – estas premissas são dadas como certas, deixando como questão principal saber se o pensamento teórico deve ou não aderir a velocidade do mundo social.

O debate, então, se organiza, segundo Gane, como dois campos, segundo a aderência da teoria à velocidade dos processos sociais. De um lado, estariam trabalhos recentes, favoráveis a uma “revolução” teórica, como os de Scott Lash (2002), e de Peter Lunenfeld (2000). Para o primeiro, trata-se acompanhar o ritmo do mundo contemporâneo e para tanto a teoria deve se apoiar em novas formas de escrita e mesmo em uma nova base para a crítica. Em linha com este pensamento, o segundo propõe a *teoria do tempo real*, que pode ser desenvolvida on-line: “qualquer pessoa com acesso à Internet e o software certo pode hoje ler e publicar a teoria em tempo real”.

Defendendo a posição contrária estariam autores bem conhecidos, como Paul Virilio, McLuhan e Baudrillard, que se rejeitariam a ideia da adesão da teoria aos ritmos do mundo, mesmo se por vezes estes pensadores são confundidos com seus apologistas.

Contudo, mais importante que entrarmos nos detalhes e no difícil trabalho de interpretação desses autores – em si mesmos já bastante carregados de controvérsias –, é trazermos para o primeiro plano uma reflexão sobre a certeza de que a questão da teoria poderia ser expressa nos termos de adequação a um mundo em aceleração. Como se toda a reflexão, discussões e conhecimento de séculos de construção sobre o pensamento teórico se esvanecessem frente a um *admirável mundo novo*. Como se jamais o pensamento teórico tivesse se confrontado com os problemas da transformação e da mudança, mesmo se o tempo é um dos objetos fundadores da filosofia e as ciências sociais nunca existiram fora da Modernidade, o período das revoluções. E por que os historiadores estariam alheios a estas questões?

Na verdade, há muito mais em jogo que repartição de saberes ou da desclassificação destes.

A ruptura com o conhecimento existente manifestamente se dá como repetição do gesto moderno por excelência. Gesto que desqualifica ou que ignora antecedentes e se volta para o presente, tomando-o como centro, para focar o imediato, fazendo dele a matriz de todos os valores e sentidos. O atual não apenas se converte em objeto

privilegiado, senão único, como também serve de paradigma que estrutura o pensamento. Não somente vivemos o presente, passamos a pensar através dele, com ele, na forma de um sistema de referência para a ação e o pensamento.

O fato de que a modernidade tenha penetrado o âmbito da teoria apenas demonstra, uma vez mais, a instauração da crença de que os conhecimentos se fundiram em um espaço único, monodimensional, de modo que as diferenças entre eles se esbatem. O que se evidencia não somente com a expansão do interdisciplinarismo a-crítico, mas também com a aproximação da teoria com o senso comum. De onde as demandas que, a partir dos anos 1980, ressoam aos quatro ventos exigindo que a filosofia se ocupe das questões mundanas (ver o movimento designado como Novos Filósofos) ou a abertura das ciências sociais (Wallerstein, 1996; Nicolescu 1999). Toda e qualquer especificidade do pensamento teórico é sistematicamente negada.

Deixemos de lado as críticas a estes movimentos que marcaram o sentido da teoria no final do século XX e voltemos à questão da relação entre a aceleração e teoria, a fim de postular a hipótese que estas compreensões da teoria estariam relacionadas ao sistema mediático. Ou seja, a aceleração dos processos sociais deve levar em conta as formas pelas quais elas são apreendidas. E isso equivale a incluir o modo como os acontecimentos chegam até nós, pois muito do que os agentes sabem da realidade social depende diretamente dos meios de comunicação. Não somente por que “nos informam” dos acontecimentos, mas porque os estruturam, mediatizam o próprio acontecer, chegando até mesmo à nossa percepção imediata da realidade (BOORSTIN, 1992).

Isso mostra o quanto é importante que as ciências sociais abram espaço e incorporem a teoria da mídia à noção do social. Estamos de acordo com Gane e outros autores sobre este ponto, mas é altamente significativo como isso tem sido compreendido totalmente à parte do pensamento comunicacional (notadamente da Escola de Toronto de Comunicação) e, de modo geral, às expensas do sentido de teoria.

De modo esquemático, dado as limitações do presente resumo expandido, deixaremos apontadas o que consideramos os principais obstáculos hoje colocados ao desenvolvimento da teoria dos meios de comunicação.

1) Ausência de conceito de meio de comunicação (ver MARTINO, 2017). Em sua obra *Crítica de la Información*, Lash sintetiza a situação atual ao passar do truismo – meio

de comunicação é definido como a junção de informação e de tecnologia – diretamente para uma confusa definição de informação.

2) O fato que a ciência em geral, e particularmente as ciências sociais, passam por um momento de negacionismo teórico, com a perda do sentido da teoria (por exemplo GEERTZ, 1980). Com isso o desenvolvimento da teoria dos meios de comunicação não pode se beneficiar do apoio das ciências sociais, nem fornecer a base para as novas condições sociais, que envolvem o estreitamento dos laços entre sociedade e sistema mediático.

REFERÊNCIAS

BOORSTIN, Daniel. **The Image, or What Happened to the American Dream**. New York: Atheneum, 1962. Republished in 1964 as *The Image: A Guide to Pseudo-events in America*. New York: Harper and Row.

GANE, Nicholas. **Speed up or slow down: Social Theory in the information age** (2006).

GEERTZ, Clifford. Blurred genres: the refiguration of social thought, **The American Scholar**, 1980 vol: 49 pg: 165.

LASH, Scott. **Crítica de la Información**. Buenos Aires / Madrid, Amorrortu editores, 2005. (edición original Londres, Thousand Oaks and Nueva Delhi: Sage Publications, 2002, traducción de Horacio Pons).

LUNENFELD, P. **Snap to Grid**. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

MARTINO, Luiz C. **Escritos sobre Epistemologia da Comunicação**. Sulina. Porto Alegre, 2017.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

RECKWITZ, Andreas; Rosa, HARTMUT. **Late modernity in crisis: why we need a theory of society**. Cambridge: Polity Press, 2023.

ROSA, Harmut. **Aceleração. A transformação das estruturas temporais na Modernidade**. Tradução de Rafael H. Silveira, revisão técnica e tradução do prefácio à edição brasileira João Lucas Tziminadis. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2019.

WALLERSTEIN, Immanuel M. **Abrir las ciencias sociales: Informe de la comisión Gulbenkian para la reestructuración de las ciencias sociales**. Siglo Veintiuno. México, 1996.